



Ministério da Educação – Brasil
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPEs – LATINDEX
Nº. 22 – Ano XI – 10/2022
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A Educação Física em tempos de pandemia: desafios e perspectivas

Prof.^a MSc. Caroline Maciel da Silva
Mestra em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – UFRGS - Brasil
Doutoranda em Educação na Universidade La Salle – Canoas/RS
Docente da Rede Municipal de Canoas/RS - Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2875318787256047>
E-mail: carolinemaciel78@gmail.com

Prof.^a Dr.^a Elaine Conte
Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Docente na Universidade La Salle – Canoas/RS
<http://lattes.cnpq.br/8885390885955168>
E-mail: elaine.conte@unilasalle.edu.br

Resumo: O artigo aborda as práticas pedagógicas de professores/as de Educação Física em escolas de Canoas/RS em tempos de pandemia do Coronavírus e distanciamento social. Diante disso, questionamos: como trabalhar da maneira que aprendemos, conectando com pedagogias inventivas? E quando não é possível fazê-lo? O processo de escolarização precisou ser reinventado, demandando novas ações para que os estudantes tivessem acesso às tarefas das escolas, como criações de salas de aulas virtuais, grupos de comunicação e atividades impressas. Conclui-se que a conjuntura pandêmica tem induzido transformações significativas na esfera educacional, principalmente na estrutura das aulas, na atividade docente e, por consequência, nas práticas sociais. Protocolos para volta às aulas apontam as direções a serem seguidas pelas instituições de ensino, abrangendo particularidades próprias da Educação Física. Contudo, as realidades desiguais das escolas brasileiras, as limitações de infraestrutura, de recursos humanos e materiais, vislumbram um retorno difícil, que requer mais discussões e pesquisas.

Palavras-chave: Educação Física. Prática Pedagógica. Pandemia.

Introdução

Milhões de estudantes e docentes pelo mundo foram afetados pelo fechamento das escolas durante a crise do Coronavírus. O ano de 2020 foi marcado pelo início de uma pandemia, de escala mundial, causada pelo novo Coronavírus, SARS-CoV2, que teve a denominação da doença de Covid-19. O vírus foi identificado em Wuhan, na China, no dia 31 de dezembro de 2019 e se espalhou rapidamente pelo mundo, sendo considerado em março de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), uma pandemia (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2020). Em 12 de março, foi confirmada no Brasil a primeira morte por Covid-19, em São Paulo, e desde então, o vírus se espalhou por todo o território brasileiro.

A pandemia seria uma manifestação da exploração ilimitada dos nossos recursos naturais? Para Santos (2020), uma forma de autodefesa do planeta para garantir sua sobrevivência. Ele destaca ainda que a situação de crise em que nos encontramos vem muito antes da pandemia, com o avanço do neoliberalismo desde a década de 1980 e a dominação do capitalismo sujeitado à lógica do setor financeiro. Essa crise, que é financeira e permanente, é utilizada para justificar cortes nas políticas sociais (saúde, educação e segurança social), legitimando a concentração de riqueza e impedindo medidas para evitar as catástrofes ecológicas. Enquanto crise que afeta instantaneamente a educação, a saúde, e outras esferas de suma importância para a sociedade, a pandemia do Coronavírus mostrou o quanto nós, cidadãos, somos frágeis.

Em se tratando da esfera educação, a pandemia mostrou as mazelas que já estavam presentes, mas que não apareciam tão explicitamente. Neste contexto, busco com este artigo discutir acerca do tema da Educação Física Escolar em tempos de pandemia do Coronavírus e distanciamento social e seus desdobramentos, tendo como questionamento central: como fazer nosso trabalho da maneira que aprendemos, quando não é possível fazê-lo? Este artigo baseia-se nas vivências de uma professora da disciplina de Educação Física, ministrada em uma escola de um município da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS.

Quando falamos em Educação Física, destaca-se que ela é um componente curricular obrigatório da Educação Básica, ou seja, ela deve ser ofertada da

Educação Infantil até o Ensino Médio (BRASIL, 1996). Uma característica que a difere de outras disciplinas presentes no ambiente escolar é o seu teor teórico e prático, na qual além da caracterização dos conteúdos, tem-se o movimento corporal como disparador para os processos de ensino e de aprendizagem. Dessa forma, uma grande parcela das atividades envolve um espaço mais amplo, materiais adequados e a movimentação corporal do sujeito em sua autonomia, para o pleno desenvolvimento das capacidades humanas. Afinal de contas, a humanidade se faz nas relações de convivência, no encontro, nas práticas colaborativas, na reflexão sobre a ação, na contraposição de ideias e no diálogo participativo.

As aulas presenciais na instituição envolvida neste texto foram suspensas em 19 de março de 2020, afetando em torno de 1100 (Hum mil e cem) crianças e adolescentes, sendo retomada em meados de junho de 2021. Para isso, utilizamos de uma análise experiencial da implantação de um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), assumindo a visão do professor como coordenador do novo processo. Como construção dos argumentos necessários para a formação nesse período, partimos de aportes teóricos (NOGUEIRA E RESENDE, 2020; NARODOWSKI, 2020; FENSTERSEIFER, 2020; NACIF et al, 2016; CARDODO, FERREIRA E BARBOSA, 2020; SILVA, MACHADO E FONSECA, 2021; GOIS et al, 2021; OLIVEIRA et al, 2021). Finalmente, trazemos à guisa de discussão os saberes necessários para a formação do professor de Educação Física em tempos de cultura digital.

A educação em uma sociedade em rede

O ano letivo de 2020 nem bem começou e fomos surpreendidos pela suspensão do contato direto entre pessoas, dentre as quais se colocaram as aulas presenciais, como forma de minimizar a proliferação do COVID-19. Vemos diversas manifestações (positivas e negativas) a respeito disso, mas o que de fato está em destaque são os efeitos da falta que a escola (e tudo que vem agregado a ela) fez no dia a dia da sociedade. Com isso, a demanda que se apresentou é repensar/recriar/reaprender/reinventar/replanejar uma infinidade de coisas na vida cotidiana e, no que diz respeito à educação, ter a noção de que ela provavelmente não será a mesma daqui para frente. A busca por novas referências e ações

metodológicas nesse período de distanciamento social foi uma das grandes reivindicações e desafios enfrentados pelas professoras e professores, de maneira geral, assim como novas formas de interação, ensino e conexões na cultura digital¹.

Segundo Silva (2021), com o avanço do capitalismo temos as transformações tecnológicas pós industrialistas, no final do século XX, que passam a alterar as formas de socialização, as relações empregatícias, o acesso ao conhecimento e as diferentes relações de espaço-tempo, de se estar no mundo, de forma interligada, em diferentes aspectos da nossa sociedade, agora bem mais complexa. Essa sociedade em rede em que vivemos, caracterizada pelas tecnologias de informação e comunicação (celulares, internet, tablet, smartphones) modificou a forma como nos relacionamos, aprendemos, trabalhamos e nos comunicamos. É o que nos explica Castells (2012) em sua grande obra sobre essa sociedade em ascensão e a cultura da virtualidade associada a um sistema multimídia eletronicamente integrado. Assim, o mundo da multimídia será habitado por duas populações essencialmente distintas: a interagente e a receptora da interação, ou seja, aqueles capazes de selecionar seus circuitos multidirecionais de comunicação e os que recebem um número restrito de opções pré-empacotadas. “E que é o que será amplamente determinado pela classe, raça, sexo e país” (CASTELLS, 2012, p 458).

Outra importante abordagem é a do sociólogo Levy (2009), que traz o conceito de Cibercultura, como o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e valores que se desenvolvem junto com o crescimento do ciberespaço (novo meio de comunicação que surge da interconexão de computadores) e reflete sobre as tecnologias digitais no contexto da aprendizagem. Ele propõe uma reflexão sobre os sistemas de educação diante dos desdobramentos da cibercultura na nova relação com o saber. Quando as mídias mudam, a sociedade muda para uma nova era organizacional, na qual a educação faz parte disso, pois somos impactados pelo que aprendemos. Não se pode falar dessas técnicas e sua evolução sem pensar numa mudança na cultura.

¹ No mundo digital parece que não há marcações temporais de antes e depois, porque tudo fica gravado nas margens da presença em tempos de pandemia (quando não estamos com os outros no tempo síncrono, por exemplo, mas aparece a imagem pedagógica do teatro de espelhos como função da relação). E isso remete ao desafio de vivermos na presença/ausência virtual da contemporaneidade, de uma noção de tempo diferente, com outras fontes, comunidades, sensibilidades corporais e lentes de registro, estabelecendo novas circunstâncias do ir e vir.

Diante dessa nova forma de interagir com o mundo e, principalmente, com os outros no contexto escolar estão mudando, também, as formas de ser e estar em relação com o outro, que passam a exigir uma reconfiguração das ações no campo da Educação Física, isto é, uma demanda nova de um processo de estar conectado com o tempo digital (reontologização digital). Há espaço para a humanidade digital e corporal em tempos diferentes? Quais ações na Educação Física e deslocamentos de padrões foram trazidos para o cotidiano escolar (in)corporal?

Um estudante não estimado

O ano letivo de 2020 foi extremamente atípico. Um vírus muito potente irrompeu os encontros presenciais, físicos sem qualquer aviso, fazendo com que as pessoas no mundo todo tivessem que readaptar suas vidas de maneira rápida e, podemos afirmar, de uma maneira longa que não esperávamos. Milhares perderam o emprego, a moradia e principalmente a vida². Para alguns, a vida estacionou, para outros não passou de uma “gripezinha”³. Em meio a festas clandestinas de celebridades, políticos e outras aglomerações, os encontros físicos e as ações escolares do país foram suspensas, gerando um mal-estar generalizado. Hoje, grande parte da sociedade já retomou seus afazeres e, com isso, a vida volta ao seu status de normalidade. Poderíamos imaginar como a cena de um filme de ficção, mas nunca pensamos que um dia a ficção se tornaria realidade.

Ao trazer esses acontecimentos para a realidade, o município em questão realizou no início do ano de 2020 três semanas de aula e teve que interromper o trabalho abruptamente, tendo poucos dias para entender e transmitir à comunidade escolar as novidades. Hoje entendemos que não tínhamos a mínima ideia do que realmente estava por vir. Para uma melhor localização espacial, descrevemos brevemente o local de atuação e o contexto evidenciado: é um bairro considerado carente, onde a comunidade, em sua grande maioria, tem seus filhos matriculados em escolas públicas. Essa comunidade, apesar de todos os problemas que perpassam a vida cotidiana, tem se mostrado solícita e presente quando a escola

² Casos confirmados no Brasil: 32.490.422; óbitos: 671.911. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em: 04 jul. 2022.

³ Em 24 de março de 2020, o Presidente Jair Bolsonaro se refere ao Coronavírus com a expressão “gripezinha”, em transmissão de rádio e televisão para todo o país.

clama. Em meados de abril de 2020, a Secretaria Municipal de Educação (SME) determinou o início das aulas remotas através de plataformas online. Diante de toda a realidade dessas e de outras comunidades, depois de muitas reuniões entre o professorado e direções escolares, chegou-se à conclusão de que seria inviável a unificação de um só formato para a dinâmica das aulas remotas, devido ao fato de que a maioria dos estudantes não possuíam acesso à internet e consequentemente não poderiam acessar as tarefas propostas.

Nogueira e Resende (2020) apontam que no Brasil não há pesquisas sobre longos períodos sem aula e sua relação com a aprendizagem, mas referem que estudantes oriundos de meios sociais desfavorecidos apresentam perdas mais acentuadas, em relação aos seus pares mais favorecidos.

Apesar de não contarmos com pesquisas desse tipo no Brasil, suas conclusões fazem todo o sentido diante do que se conhece sobre as desigualdades educacionais em nosso país. Crianças e jovens oriundos de camadas socialmente desfavorecidas enfrentam barreiras de todo tipo para permanecer na escola e ter sucesso em suas trajetórias – desde as dificuldades materiais até a distância cultural em relação ao universo escolar. Nesse contexto, o distanciamento temporal em relação a esse universo tende a ter efeitos mais perversos do que para os demais grupos, podendo, frequentemente, levar ao abandono do projeto de estudos e à evasão. (NOGUEIRA; RESENDE, 2020, p. 1).

Por consequência, para que se diminuísse o risco de ampliação das desigualdades educacionais, buscando estratégias diversificadas e adequadas às possibilidades dos estudantes, decidiu-se pelas dinâmicas que incluíam elos em salas de aula online, site da escola produzidos pelos professores que “dominavam” a informática, redes sociais e aplicativos de comunicação e também a disponibilização de material impresso, que era retirado diretamente nas escolas, com dia e hora marcados. Também houve uma preocupação na tentativa de minimizar os problemas da comunidade, com doações de alimentos, roupas e material de higiene pessoal.

A SME, durante o segundo semestre de 2019, iniciou o processo de instituir o Google For *Education*⁴ em todas as escolas da rede municipal, como forma de

⁴ *Google for Education* é uma cultura de educação vinculada à tecnologia. É voltado ao uso da internet, computadores e celulares, através de aplicativos específicos e gratuitos, para o desenvolvimento de aprendizagens, de forma colaborativa, descentralizada e baseada no estímulo à autonomia, à criatividade e à resolução de problemas. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/googleforeducation/o-projeto/>. Acesso em: 04 jul. 2022.

aproximar os estudantes e os professores do mundo eletrônico. O ano de 2020 seria o início de um novo ciclo de aprendizagens, contudo, não foi possível a entrega para as escolas dos *chromebooks* e tampouco ensiná-los a explorar e manusear esses artefatos.

Professorado de Educação Física e o trabalho coletivo

Em se tratando da Educação Física, que é uma disciplina que pressupõe trabalhar com as práticas corporais, tanto em dimensões vivenciais práticas quanto teóricas, questionamos: (a) que ações integram as aulas de maneira remota? (b) é possível trabalhar com os estudantes de forma inventiva e participativa que sejam interessantes não gerem apatia? (c) de que forma promover os saberes da cultura corporal de movimento nesse período de distanciamento físico pela cultura digital? Para responder a essas questões, estabelecemos articulações com o trabalho do/da professor/a e as novas maneiras de educar, em meio aos deslocamentos digitais, que ainda não foram experimentadas e apreendidas.

O/a professor/a de Educação Física estava diante de um cenário totalmente distinto do que antes era o seu ambiente de trabalho. E o que até então era pensado para ser desenvolvido no coletivo foi alterado para algo individualizado e que na maioria das vezes possuía como foco a dimensão conceitual, já que a possibilidade da parte prática era quase inexistente. Desse modo, foram realizadas conversas com os professores e professoras de Educação Física da RME, para identificar como eles estavam lidando com as aulas remotas, quais são suas práticas pedagógicas e processos envolvidos, com está sendo o retorno das atividades, como são feitos os registros, visto que essas horas de aulas remotas vão ser consideradas como aula dada. Essas conversas se deram por reuniões *online*, por grupos em aplicativos de troca de mensagens. Foram conversas muito proveitosas e nos mostraram que, apesar do distanciamento, o trabalho deste coletivo se aproximou muito, com a máxima preocupação da manutenção dos vínculos escolares.

Além disso, a SME criou uma sala de aula virtual para os professores de Educação Física da RME postarem suas atividades, seus anseios, suas sugestões. Foram momentos de autoajuda, autocuidado, reconhecimento recíproco, cuidado com o próximo, enfim, momentos em que colegas puderam se reciclar e experimentar

práticas conjuntas de um colegiado. Surgiram diversas atividades diferentes, onde cada um pôde colaborar com a sua prática/vivência, compartilhar e utilizar aquela que cabia na sua comunidade naquele momento de angústia, vivido e dividido por todos da RME.

A Educação Física escolar é uma grande aliada para o desenvolvimento físico, social, emocional e cognitivo dos estudantes. Na perspectiva de Nacif et al. (2016), no aspecto físico, a Educação Física pode favorecer o desenvolvimento da consciência corporal, de habilidades e capacidades, bem como reflexões sobre as possibilidades de movimento de cada educando. No âmbito psicológico, há o melhoramento da autoestima, da memória, a diminuição dos sintomas depressivos e do nível de ansiedade. Por fim, no contexto social, a possibilidade de participar das atividades com os colegas favorece as relações afetivas além de contribuir com o respeito pelas diferenças.

Segundo Fensterseifer (2020), é necessário ter consciência da especificidade da Educação Física Escolar e a necessidade de recriação nesse novo viés.

Em uma sociedade democrática, é tarefa de todos, também a educação escolar deve ser pensada de modo a articular as diferentes especificidades em torno da tarefa de propiciar às novas gerações um alargamento em suas compreensões de mundo e da condição humana em sua pluralidade, cabendo a cada componente curricular fazer isso na especificidade de seus conteúdos, constituindo-se em espécie de “janelas para o mundo” (FENSTERSEIFER, 2020, p. 89).

Uma das dificuldades destacadas pelos professores foi o retorno das atividades propostas. Embora os estudantes e seus responsáveis, em sua grande maioria, possuem algum tipo de aparelho eletrônico (*smartphones*, computadores), o acesso à internet ainda é precário, conforme relato dos docentes. Muitos só acessavam as tarefas pelos aplicativos que são liberados pelas operadoras de telefone, sem utilização de dados móveis. Quando as tarefas eram enviadas nesses aplicativos, o retorno foi muito maior, comparado aos aplicativos do *Google*, por exemplo.

Corroborando com as constatações acima supracitadas pelo professorado da RME, Cardoso, Ferreira e Barbosa (2020) afirmam que o ensino remoto tende a reforçar as desigualdades de acesso e qualidade da educação brasileira. Os impactos na educação serão sentidos a curto, médio e longo prazo, e exigirá uma reestruturação do sistema educacional. Se já existia desigualdade no acesso e qualidade da

educação, a pandemia de COVID-19 potencializará a desnivelção do desempenho dos estudantes. Serão necessárias ações de apoio não só aos estudantes, mas também aos diretores, gestores, coordenadores pedagógicos, professores e famílias, tendo em vista que o redesenho da educação tem impactado toda a comunidade escolar.

Outra questão é o trabalho dos professores e professoras. As estratégias de trabalho remoto vieram para auxiliar, porém, sobrecarregaram todos que estão envolvidos no processo. Conforme Narodowski (2020), adaptar o trabalho do professor a essa modalidade implica uma profunda transformação: não apenas o meio deve ser mudado, mas também o tipo de educação estruturada, que abandona o tempo presencial, face a face pelo ensino remoto (virtual) e requer modificações pedagógicas e didáticas. No caso específico da escola envolvida, onde foram adotadas cinco formas de distribuição das tarefas⁵, os professores e professoras acumularam muito mais tarefas.

Silva, Machado e Fonseca (2021) destacam que, ainda que se identifique a falta de comunicação e de orientações iniciais por parte dos governos, percebeu-se que as escolas se mostraram muito preocupadas com os estudantes, criando formas de contato, de manutenção do vínculo e claro, dos processos de ensino e aprendizagem. Formas que, muitas vezes, se mostraram tão novas para os professores e professoras quanto para os estudantes.

Podemos entender que essa sobrecarga também atingiu as famílias, pois, muitos estudantes dependem de orientação dos seus responsáveis ou outros membros para a execução e postagem das tarefas. Narodowski (2020) afirma que os próprios efeitos econômicos do isolamento social prejudicam crianças e adolescentes dos setores sociais mais vulneráveis que aumentam seus déficits de saúde e alimentação e, com eles, diminui a possibilidade de oferecer as condições básicas para aprender. A tentativa de manutenção dos vínculos escolares e familiares, a resignificação da relação com os contextos, a desestabilização dos estudantes de todas as formas possíveis (sociais, financeiras, emocionais) são relações que se comprometeram ao longo desse período de distanciamento social.

⁵ As tarefas foram distribuídas da seguinte maneira: Sala de aula *Google*, aplicativo de mensagens *WhatsApp*, *site* da escola, *e-mail* e de forma impressa.

Outras ações criadas pelo professorado de Educação Física deste município foram de compartilhamento de atividades por *e-mail*, por salas de aula virtuais e grupos de mensagens. Com isso, foi possível ter ideia de quais atividades agradavam o alunado, quais não deram certo e não abarcavam a todos de forma equitativa. Jogos *online* que continham o conteúdo da disciplina, execução das tarefas práticas nos encontros virtuais, tarefas para serem filmadas e postadas, confecção de brinquedos com materiais alternativos/reciclados e o trabalho interdisciplinar⁶ são exemplos de tarefas que o professorado de Educação Física destaca como os preferidos dos educandos. Segundo Gois et al. (2021), essas medidas, quando inviabilizadas de serem proporcionadas, acrescidas às adversidades para acesso e permanência factualmente enfrentadas por estudantes em vulnerabilidade social, fortalecem os obstáculos e podem ocasionar prejuízos, como evasão e declínio nas taxas de aprendizagem.

Corroborando com o exposto acima, um estudo feito por Melo, Rizzo e Ribeiro (2021) mostra que há muitas formas de trabalho, contudo muitas delas dificultadas pelas restrições pandêmicas:

Por meio das respostas dos professores de Educação Física, obtidas após a aplicação do questionário, pode-se inferir que, em geral, as narrativas docentes sobre as práticas pedagógicas afirmam que existem diversas dificuldades durante período de pandemia. Ademais, englobam aspectos além dos relacionados às próprias práticas pedagógicas, como os aspectos sociais, a saber: distanciamento, convívio e contato social. Tais referências sociais foram citadas frequentemente, o que aponta a necessidade de um trabalho interdisciplinar com outros profissionais, com o intuito de diminuir a probabilidade de danos emocionais à vida dos professores (MELO, RIZZO e RIBEIRO, 2021, p. 12).

Como visto, os docentes de Educação Física foram desafiados e tiveram que mudar suas metodologias de trabalho e se reinventarem para continuar educando em suas aulas, mesmo que *online* e diante de alguns desafios, como a falta de contato direto com os estudantes. Além das dificuldades enfrentadas no momento de atividades não presenciais, existem também os desafios do retorno às escolas, inici-

⁶ Em se tratando da escola específica, foi realizado durante os meses de agosto, setembro, outubro, novembro e dezembro do ano de 2020, um trabalho interdisciplinar contando com os docentes responsáveis pelas disciplinas de Educação Física, Artes, Ensino Religioso, História e Geografia. A cada duas semanas eram postados textos e tarefas que abarcavam estas disciplinas, além de aulas expositivas através do *Google Meet*, onde eram esclarecidas dúvidas. Conforme relatos dos docentes, foram momentos de muita aprendizagem e a participação dos discentes nas aulas *online* cresceu, em comparação aos encontros quando feitos de modo individual.

almente, no modelo híbrido e que precisam ser muito bem elaborados para abarcar e incluir a todos. O ensino híbrido propõe a realização de atividades na escola e fora dela, conciliando as aulas no modelo presencial e *online* (OLIVEIRA et al., 2021).

Considera-se que criadores e produtores de espaços diferentes e a formação em serviço concomitante com a prática foram fundamentais para dar suporte aos professores e professoras. Este espaço de reflexão está sendo indispensável para a qualificação do trabalho pedagógico, visto que está vinculado aos desafios cotidianos.

Considerações transitórias

O dicionário diz que saudade é um sentimento melancólico que acontece em razão do afastamento. Sentimos saudade de quem estamos afastados. Sentimos saudades do que estamos afastados. Sentimos saudades até mesmo do que íamos conhecer, mas não conhecemos porque já estávamos afastados. Conforme diz o cantor Renato Russo, *saudade que eu sinto, de tudo o que eu ainda não vi*. A conjuntura resultante do coronavírus produziu, no campo educacional, uma forte ruptura nos acordos e organizações, encaminhadas com a interrupção abrupta das atividades escolares, como podemos constatar através dos decretos municipais. Através deste artigo, foi possível o exercício da reinvenção, do estudo e da compreensão de pontos importantes. Talvez seja o tempo de experimentar um ensino mais inventivo, respeitoso e próximo do cotidiano, que vai além do conteudismo reprodutor.

É possível verificar a urgência a ampliação das políticas públicas de inclusão digital, e de assistência a esses estudantes e suas famílias. A falta do convívio social em virtude da necessidade do distanciamento, as incertezas que atingiram a todos e em todos os níveis – econômicos, sanitários, sociais – certamente afetaram a saúde física e mental de toda a sociedade.

Tendo em vista a característica teórico-prática da disciplina, para a qual, por determinações sanitárias, limitou-se o uso de espaços e equipamentos escolares, redimensionando a dinâmica dos momentos e atividades coletivas, há uma necessidade complexa de organização em metodologias ativas dos professores e professoras, que, nesse período, são cada vez mais cobrados por criatividade e inovação. Entende-se que os impactos da pandemia sobre a disciplina de Educação Física ge-

raram e ainda geram a exigência de modificações e reformulações, tanto dos espaços físicos como relacionadas ao uso de novos instrumentos de trabalho, que proporcionem aos educadores preencher as carências educacionais, além de pensar nos aspectos pedagógicos, sociais e psicológicos, prezando por um processo integral e amplo.

Embora seja evidenciada uma certa resistência a essas novas possibilidades na transposição de aulas presenciais em remotas, um novo fazer docente/discente se apropriou urgente de metodologias e tecnologias até então pouco exploradas, mas que apesar disso, expandiu o olhar sobre novas formas possíveis no processo de ensino-aprendizagem, o que continua até o tempo presente nesta rede de ensino.

Diante disso, conclui-se que a conjuntura pandêmica tem induzido transformações significativas na esfera educacional e no espaço escolar, principalmente na estrutura das aulas, na atividade de educar e, por consequência, nas práticas sociais. As medidas e protocolos para volta às aulas apontam para direções a serem seguidas pelas instituições de ensino, abrangendo particularidades próprias da Educação Física. Contudo, tendo em vista as realidades desiguais das escolas brasileiras, as limitações de infraestrutura, de recursos humanos e materiais, vislumbra-se um retorno gradual, turbulento e difícil, que requer mais discussões e pesquisas.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 04 de jul. 2022.

CARDOSO, Cristiane Alves; FERREIRA, Valdivina Alves.; BARBOSA, Fabiana Carla Gomes. (Des)igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 38-46, ago. 2020. ISSN 2359-2494. Disponível em: <<http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/com-censo/article/view/929>>. Acesso em: 06 jul. 2022.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação Física Escolar: acerca de uma especificidade que epistemologia nenhuma responde. *Poiésis*, Tubarão, v. 14, n. 25, p. 85-98, jan./jul. 2020. <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Poiesis/article/view/8878/5301>. Acesso em 07 jul. 2022.

GOIS, Pâmela Karina Melo *et al.* Reflexões sobre o impacto da pandemia na Educação Física Escolar. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 220-227, ago. 2021. ISSN 2359-2494. Disponível em: <<http://periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/1213>>. Acesso em: 04 jul. 2022.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2009.

MELO, Rogério Zaim de; RIZZO, Deyvid Tenner de Souza; RIBEIRO, Edineia Aparecida Gomes. Prática pedagógica e docência: o olhar do professor de educação física no enfrentamento da Covid-19. *Kinesis*, 39(1). <https://doi.org/10.5902/2316546464306>

NACIF, Marcella Fernandes Patuccié *et al.* Educação Física Escolar: Percepções do Aluno com Deficiência. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília. 22, n. 1, p. 111-124, jan./mar. 2016.

NARODOWSKI, Mariano. Onze teses urgentes para uma pedagogia do contraisolamento. *Blog Pensar a Educação, Pensar o Brasil*. Belo Horizonte, 06 mai. 2020. Disponível em <https://pensaraeducacao.com.br/blogpensaraeducacao/onze-teses-urgentes-para-uma-pedagogia-do-contraisolamento/>. Acesso em 04 jul. 2022.

NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, Tânia. A Pandemia e os Reveses Educacionais. *Blog Pensar a Educação, Pensar o Brasil*. Belo Horizonte, 04 mai. 2020. Disponível em <https://pensaraeducacao.com.br/blogpensaraeducacao/a-pandemia-e-os-reveses-educacionais/>. Acesso em 04 jun. 2022.

OLIVEIRA, Muriel Batista et al. O ensino híbrido no Brasil após pandemia do covid-19. *Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 1, p. 918-932, 2021.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. Brasil. Brasília: OPAS, 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/brasil>. Acesso em: 05 maio 2021.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A cruel pedagogia do vírus*. Coimbra: Edições Almedina, S/A, 2020.

SILVA, Caroline Maciel da; MACHADO, Roseli Belmonte; FONSECA, Denise Grosso da. Educação física e aulas remotas: um olhar para o trabalho com alunos com deficiência em escolas do Rio Grande do Sul. *Revista Pensar a Prática*, v. 24, e66039, 2021.

SILVA, Lisiane Bernardo da. ENSINO REMOTO EMERGENCIAL EM TEMPOS DE PANDEMIA: CARTOGRAFIA SOBRE A EXPERIÊNCIA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Dissertação (Mestrado Profissional)* – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Medicina, Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524

ISSN: 2238-6424